



EM TUDO A MISERICÓRDIA DIVINA

Muitas vezes, o coração encarnado pergunta como estão os seus afetos que acabaram de passar para o mundo dos Espíritos. E as indagações se sucedem, como que desejando uma explicação definitiva para o problema da saudade, para o problema da dor.

No que se refere aos Espíritos bons, aqueles que, enquanto encarnados, praticaram todo o bem que podiam, espontaneamente, diremos que tais almas se encaminham com paz e tranquilidade, na direção dos seus pousos naturais.

Aqueles, perfazendo a maioria, que passaram pela Terra como ondas do mar, que vão e vêm, quase sempre precisam reformular ideias, corrigir impressões, modificar conceitos, melhorar seu padrão espiritual, para poderem alcançar o núcleo a que estão destinados. Muitas vezes, mesmo, essas almas passam por situações difíceis, já que tiveram compromissos agravados, em função de gestos impensados, atitudes desencontradas, palavras ditas com o objetivo de ferir.

Outras vezes, são almas que apenas foram intransigentes, em nada procurando facilitar a vida do seu próximo. Esses Espíritos muito têm a sofrer e, se não houver um sincero arrependimento da parte deles, passarão por estágios dolorosos e demorados, para que possam atingir o nível de bem de que precisam.

Outros, ainda, são aqueles Espíritos que, inferiores, de modo algum se candidatam ao progresso. Neles, o mal é comum e permanente, sendo-lhes preciso dores, sofrimentos e lágrimas. Estagiam obrigatoriamente nas regiões dolorosas, para que aprendam a ver o quanto de mal fizeram.

Em todos os casos, no entanto, há misericórdia de Deus funcionando, há a bondade maior sustentando, há a corrigenda com o objetivo de elevar; em todos, há a presença de Deus e a figura de Jesus, como marcas indeléveis nos corações, para que, amparados pelo amor de Deus e pelo Mestre Jesus, todos se sintam como que se encaminhando na direção do progresso e da paz.

E que Jesus nos ajude e abençoe agora e sempre!

Muita paz, caros filhos! Muita paz!

Hermann

Do livro: *Palavras do Coração*. CELD

Psicofonia: Altivo C. Pamphiro

Estudo: *O Livro dos Espíritos* – Terceira Parte – Cap. I –

“Penas e Gozos Terrestres”, questões 934 a 936

PERDA DAS PESSOAS AMADAS

934. A perda das pessoas que nos são caras não é uma daquelas que nos causam legítima tristeza, tanto mais legítima quanto é irreparável e independente da nossa vontade esta perda?

“Essa causa de dor atinge tanto o rico quanto o pobre: representa uma prova ou expiação, e é a lei comum; mas é um consolo poder comunicar-vos com vossos amigos, através dos meios de que dispões, *aguardando que tenhais outros mais diretos e mais acessíveis aos vossos sentidos.*”

935. O que pensar da opinião das pessoas que consideram as comunicações de além-túmulo como uma profanação?

“Nelas não pode haver profanação, quando há recolhimento e quando a evocação é feita com respeito e convenientemente; o que o prova é que os Espíritos que vos querem bem vêm com prazer; ficam felizes pela vossa lembrança e por se comunicarem conosco; haveria profanação em fazê-lo levemente.”

A possibilidade de entrar em comunicação com os Espíritos é uma consolação muito doce, visto que nos proporciona o meio de conversarmos com nossos parentes e nossos amigos que deixaram a Terra antes de nós. Pela evocação nós os aproximamos de nós; eles estão ao nosso lado, nos ouvem e nos respondem; não há mais, por assim dizer, separação entre eles e nós. Eles nos ajudam com seus conselhos, testemunham-nos sua afeição e o contentamento que experimentam pela nossa lembrança. É uma grande satisfação, para nós, sabê-los felizes, saber, *através deles mesmos*, os detalhes de sua nova existência e, por nossa vez, adquirir a certeza de reencontrá-los.

936. Como é que as dores inconsoláveis dos que sobreviveram afetam os Espíritos que as causam?

“O Espírito é sensível à lembrança e às saudades daqueles que amou, porém, uma dor incessante e destemperada o afeta penosamente, porque ele vê, nessa dor excessiva, uma falta de fé no futuro e de confiança em Deus e, por conseguinte, um obstáculo ao progresso e, talvez, ao reencontro.”

Estando o espírito mais feliz do que na Terra, lamentar-lhe a perda da vida é lamentar que seja feliz. Dois amigos estão presos, encarcerados na mesma prisão; ambos devem, um dia, ter sua liberdade, porém, um deles a obtém antes do outro. Será caridoso que o que permanece fique aborrecido, porque seu amigo foi libertado antes dele? Não haverá mais egoísmo do que afeição de sua parte, em querer que partilhe do seu cativeiro e de seus sofrimentos, tanto tempo quanto ele? O mesmo acontece com dois seres que se amam na Terra; aquele que parte primeiro é quem primeiro se liberta e devemos felicitá-lo por isso, aguardando, pacientemente, o momento em que, a nosso turno, sejamos libertados também.

(...)

A Doutrina Espírita, pelas provas patentes que dá da vida futura, da presença, em torno de nós, daqueles que amamos, da continuidade de seu afeto e de sua solicitude, pelas relações que ela nos permite manter com eles, oferece-nos uma suprema consolação, para uma das causas mais legítimas de dor. Com o Espiritismo, não há mais solidão, não há mais abandono: o homem, por mais isolado, sempre tem amigos perto de si, com os quais pode se comunicar.

Suportamos, impacientemente, as tribulações da vida; elas nos parecem tão intoleráveis, que não compreendemos como poderíamos sofrê-las; e, no entanto, se as suportarmos com coragem, se soubermos impor silêncio às nossas murmurações, nós nos felicitaremos, quando estivermos fora desta prisão terrestre, como o paciente que sofre se felicita, quando curado, por se ter resignado a um tratamento doloroso.